



VII SEMANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL IA UNESP

**PASSAREDO:
Voz na Educação Musical**

de 23 a 27 de setembro 2019

Organização: G-PEM (Grupo de Pesquisa em Educação Musical)

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de
Artes da UNESP

S471a Semana de Educação Musical, Instituto de Artes, Unesp (7. : 2019 : São Paulo, SP)

Anais da VII Semana de Educação Musical, 23 a 27 de setembro de 2019 : Passaredo : voz na educação musical / realização : Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (GEPEM); coordenação : Fábio Miguel, Maria Consiglia R. C. Latorre, Marisa Trench de O. Fonterrada. - São Paulo : Unesp, Instituto de Artes, 2020.

364 p.

ISBN: 978-85-62309-30-4

1. Musica - Instrução e estudo. 2. Musica e sociedade.
3. Professores de musica Formação. I. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Musical (GEPEM). II. Miguel, Fábio. III. Latorre, Maria Consiglia R. C. IV. Fonterrada, Marisa Trench de Oliveira. IV. Título.

CDD 780.7

A relação entre a utilização do manossolfa e a melhoria da afinação vocal infantil

Thaís Ribeiro de Noronha
Univerisidade Federal de São João del-Rei - flauthais8@gmail.com

Débora Andrade
Universidade Federal de São João del-Rei - debora.andrade@ufsj.edu.br

Resumo: Esta pesquisa investigou a relação entre a utilização do gestual da manossolfa e a afinação vocal de 16 crianças de 07 e 08 anos. Após duas produções de dados, uma análise perceptivo-auditiva, baseada na teoria de Desenvolvimento Músico-vocal infantil (WELCH, 2002, 1986) foi realizada e o resultado demonstrou que a utilização da manossolfa não garantiu a precisão da afinação das crianças, mas as auxiliou ao fornecer uma imagem de direção sonora.

Palavras-chave: Manossolfa. Afinação. Coral infantil. Análise perceptivo-auditiva. Extensão universitária.

1. Introdução

De acordo com o educador musical e neurocientista Graham Welch (2002, 1986), é possível que a habilidade de cantar seja adquirida por um processo contínuo de desenvolvimento músico-vocal, partindo de uma total inabilidade de cantar afinado até etapas do desenvolvimento nas quais um indivíduo não cometa desvios na afinação, podendo atingir uma excelência artística.

Quando falamos de afinação, estamos nos referindo ao “acordo tácito” que diz respeito ao limite de desvios que uma pessoa comete” (SOBREIRA, 2016, p. 133) no contexto da música tonal da cultura ocidental, podendo ser considerada como “o ajuste do tom de uma nota em relação à outra, de modo que o número de vibrações corresponde às exigências da acústica” (BEHLAU e REHDER, 1997, p. 37).

Portanto, neste trabalho, definimos como “afinação” o processo de produzir sons equivalentes a outros. E, nesse contexto, Joyner (1968) afirma que a criança, para cantar afinado, deve ser capaz de passar pelas notas, tendo um conceito mental de subidas e descidas da melodia, além de relembrar os padrões melódicos a fim de estar consciente do que vem a seguir e ter um instrumento vocal para que seja capaz de reproduzir as notas da linha melódica (JOYNER, 1968 apud SOBREIRA, 2003). Em crianças, a desafinação vocal pode estar relacionada à inibição, a tensões musculares, à falta de

concentração, a modelos vocais inapropriados, dentre outros fatores. Poucas pesquisas a têm apontado como resultado de um fator hereditário (SOBREIRA, 2003) .

Considerando que “cantar (...) envolve a integração de sistemas do cérebro, relacionadas à música, à fala, à visão, ao motor e ao emocional” (WELCH, 2002, p.36, tradução nossa), investigamos, por meio de um projeto de Iniciação Científica, a influência de um recurso visual na melhoria da afinação vocal de crianças pertencentes a um coro infantil iniciante de um programa extensionista universitário, que atuava em uma escola municipal do interior de Minas Gerais. A importância desta pesquisa está na investigação de ferramentas pedagógicas que auxiliem regentes e educadores musicais no ensino de canto para crianças.

Para viabilizar tal investigação, recorreremos à utilização do manossolfa, por dois motivos: 1 - por fornecer um gráfico espacial de subidas e descidas sonoras, pois cada nota um gesto específico e 2 - pelos bons resultados adquiridos na sua utilização junto a adultos, na experiência pessoal.

A manossolfa é uma sequência de gestos manuais, utilizada na aprendizagem de alturas. (...) [Sendo assim,] independente da partitura musical, torna o solfejo visualmente concreto, um fator importante na aprendizagem de iniciantes em música. Ela reforça a sensação intervalar, auxilia na visualização espacial da direção sonora (agudo-grave/grave-agudo) e na relação das alturas cantadas. Colabora ainda no desenvolvimento da memória musical e no treinamento auditivo. Pode-se dizer que a manossolfa é um “solfejo gestual” (SILVA, 2011, p.75).

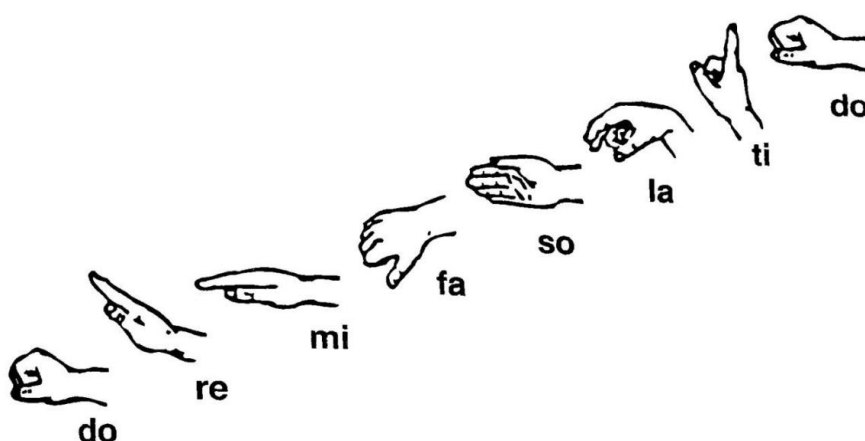


Figura 1: Manossolfa (LECK; JORDAN, 2009, p.165, DILWORTH, 2006, p. 171)

Essa ideia tem consonância com a pedagogia de Martenot (1970, 1979 [1957]), que “destaca a utilização de exercícios de imitação com auxílio de gestos que possam

contribuir para a visualização e o entendimento dos diferentes contornos melódicos, além de aproximar som e movimento” (FIALHO; ARALDI, 2011, p. 172). Wieblitz (2011), por sua vez, afirma que

a apresentação visual de intervalos e mudanças de altura com a mão é provavelmente o caminho mais fácil de tornar um conceito imaginário de “altura” não apenas visível, mas também tangível e compreensível. Não são apenas os elementos espaciais que estão sendo mostrados, pois são combinados com a expressão facial que revela maior ou menor tensão de um intervalo que compõe o arco da melodia (WIEBLITZ, 2011, p. 157, tradução nossa).

O manossolfa é utilizada por muitos educadores musicais que trabalham com a voz, e que consideram o recurso útil no ensino do canto para crianças. Porém, segundo Phillips (2014) existem três estudos que não demonstram isso. No primeiro, Yarbrough, Green, Benson e Bowers, pesquisaram crianças desafinadas do jardim de infância, 3º, 7º e 8º anos. Após 8 semanas de utilização do manossolfa, constataram que não cantaram mais afinado do que aqueles que cantaram com solfejo ou sílabas neutras.

Na segunda pesquisa citada por Phillips (2014), Martin (1991) investigou sua utilização junto a crianças do primeiro ano, encontrando diferença significativa na precisão da performance vocal dessas crianças. Semelhantemente, ao investigar dois grupos de estudantes (os que usaram a manossolfa e os que não usaram esse recurso visual), Youngson e Persellin (2001) não identificaram diferença na performance vocal de ambos, ressaltando, nesse caso, que o número de indivíduos investigados e o tempo de instrução musical foram insuficientes para se obterem resultados diferentes.

Embora nenhuma dessas três pesquisas tenham encontrado uma relação entre a utilização do manossolfa e a afinação dos sujeitos investigados, Phillips recomenda - até que novas pesquisas sejam realizadas - a contínua utilização desses sinais de mão como um auxílio para a aprendizagem e para a lembrança de padrões tonais (PHILLIPS, 2014).

Ao contrário dessas pesquisas, no Brasil, Lima e Santos Júnior (2015) afirmam a importância da sua utilização ou de outro gestual durante as vocalizações com coral infantil. Os referidos autores utilizaram este e outros recursos junto a crianças de 9 e 10 anos na tentativa de melhorar sua afinação. Concluíram que a prática do manossolfa torna a melodia mais visual e concreta, melhorando a percepção musical dos coralistas e, conseqüentemente, a afinação das crianças. Porém, essa afinação não esteve relacionada

apenas ao manossolfa, e sim a um conjunto de fatores que incluía o gestual como parte do processo.

Joyner (1968), apud Sobreira (2003), também afirma que os sinais de mão reforçam ainda mais a produção segura de altura vocal. É um método que demanda um tempo pequeno com variadas formas que promove a aprendizagem e ainda não possui nenhuma despesa material. É uma ferramenta de muito valor para a aprendizagem do canto em geral, que inclui uma entonação segura, manutenção de uma parte vocal, escuta intervalar, transposição, dentre outros.

2. Metodologia

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada, exploratória e comparativa (SANTOS; MOLINA; DIAS, 2007). Escolhemos, para participar desta pesquisa, crianças de 7 e 8 anos, pertencentes a uma Escola Municipal do interior de Minas Gerais. A elas ensinamos a canção “Da Maré” (Figura 4), composta por Ricardo Breim e Luiz Tatit (FRANÇA, 2009, p. 93). A escolha desta música se deu por ser uma canção tonal, composta sobre as cinco primeiras notas de uma escala musical, do modo maior, e em grau conjunto, características que acreditamos ajudar na memorização da melodia.

A canção foi ensinada na tonalidade de Ré maior porque abarca notas confortáveis da extensão vocal infantil (CRUZ, 2003, p. 58); (BARTLE, 1993, p.9); (PHILLIPS, 2014, p.100); (BOECHAT; SOBREIRA, 2017, p.103 e 123), mas sem o auxílio de instrumentos melódicos ou harmônicos, a fim de que estes não interferissem na acuidade vocal das crianças.



Figura 2: Da Maré (Ricardo Breim / Luiza Tatit)

Os dados foram coletados em dois momentos, via gravação de áudio: na primeira vez, após o aprendizado da canção e, na segunda vez, após o ensino da canção com a utilização da manossolfa. Os áudios foram submetidos às análises perceptivo auditivas das autoras, tendo como referência a teoria das Etapas do Desenvolvimento Músico Vocal Infantil de Welch (2002, p.15), que organiza as habilidades relacionadas à afinação do canto em cinco etapas.

Na primeira, a criança tende a reproduzir apenas o texto da canção, sem se preocupar com a altura. Ela pode achar difícil prestar atenção em dois parâmetros, simultaneamente, dando preferência às palavras, por estar mais acostumada com a fala do que com o canto. Na segunda, pode aparecer alguma variação melódica, coincidindo com a altura de referência. Na terceira, a criança apresenta tentativas mais conscientes de atingir as alturas corretamente, pois a linha melódica apresenta sinais de contorno semelhantes ao modelo proposto.

Em seguida, na quarta fase, a criança já demonstra maior controle na afinação, podendo perder a estabilidade tonal se as notas exigidas estiverem fora de sua capacidade vocal. Na quinta fase, já não ocorrem erros graves e o nível de afinação é bem maior, conseguindo cantar em uma extensão vocal maior.

Foram avaliadas nessa pesquisa 16 crianças, sendo elas 9 do sexo biológico masculino e 7 do feminino. Para que se preservasse a identidade das crianças atribuímos-lhes nomes de compositoras, independentemente de seu sexo biológico. No momento da gravação, elas foram convocadas individual e aleatoriamente, em um local reservado, enquanto as demais permaneceram em sala de aula, com as professoras de música, realizando outras atividades musicais. A opção pela chamada aleatória se deu a fim de que não fossem criadas expectativas e tensões (RUNFOLA; RUTKOWSKI, 2010).

A primeira análise de dados da pesquisa serviu para localizar as crianças em suas respectivas fases do desenvolvimento musicovocal, para depois, na segunda, identificar se houve uma melhoria na afinação vocal, como resposta à utilização do manossolfa.

Antes da primeira coleta de dados, a música “Da maré” foi ensinada pela professora de música e vivenciada pelas crianças durante um mês, em aulas que ocorriam uma vez na semana, com duração de 50 minutos cada. Durante essas quatro aulas, a vivência da referida canção aconteceu sem a utilização do manossolfa, e sem o auxílio de um instrumento acompanhador. Depois da primeira coleta, as crianças

tiveram mais duas aulas, também de 50 minutos cada uma, para vivenciar a canção com o auxílio do manossolfa.

3. Resultados

Os dados dessa investigação demonstraram que nenhuma criança apresentou piora na afinação, quando comparamos os resultados sonoros das duas coletas realizadas. Pelo contrário, a afinação das crianças permaneceu a mesma ou melhorou em até três níveis da Tabela de Desenvolvimento Músico-Vocal, elaborada por Welch (2002).

Assim, os dados mostram que seis crianças permaneceram no mesmo nível de afinação, sete subiram apenas um nível, duas subiram dois níveis e apenas uma subiu três.

Pudemos perceber que, na primeira coleta de dados, as crianças se preocuparam demasiadamente com o texto da canção, e acreditamos que a memória textual possa ter prejudicado a fluência da performance, comprometendo a afinação, conforme nos alerta Levitin (1999) apud Sobreira (2003). O referido autor divide a desafinação em quatro áreas de deficiência, sendo uma delas a memória.

Outro aspecto, que pode ter comprometido a melhoria da afinação vocal, é a não compreensão do contexto da letra cantada. Nunes (2002) apud Sobreira (2003) diz que o que torna uma canção fácil ou difícil não é o seu tamanho, seu desenho melódico ou as palavras do seu texto, mas sim a consciência daquilo que é dito. Em uma análise, após a coleta de dados, percebemos que a música escolhida, “Da Maré”, possui uma letra muito abstrata, o que torna mais difícil a memorização para as crianças.

Nesse sentido, Chen-Hafteck (1999) acredita que, ao relembrar e reproduzir o que ouviram, as crianças preferem as palavras, pois as atraem mais. Já Levinowitz (1989) observou que as crianças de 4 e 5 anos podiam cantar com mais eficácia as canções que foram aprendidas sem a letra. Assim como Welch, Seagent e White (1995/1996), em um estudo com crianças de 5 a 7 anos, observaram que o texto pode distraí-las, tendo tido melhores resultados com canções aprendidas sem o texto. Assim, notou-se que o alcance das alturas não era tão grande como a precisão das palavras (SOBREIRA, 2003).

Considerando que 10 crianças mudaram de fase e 6 permaneceram, não é possível afirmar que a utilização do manossolfa, durante a performance de canções,

influenciou a afinação vocal precisa dos indivíduos investigados, ou seja, as crianças não conseguiram atingir as frequências sonoras esperadas. A evolução dessas crianças para o nível de desenvolvimento músico vocal superior pode estar relacionada ao tempo de vivência da canção entre uma coleta de dados e outra, e não, necessariamente, relacionada à utilização do manossolfa.

Por outro lado, durante a segunda coleta de dados, observamos que três crianças reagiram vocalmente à utilização do manossolfa, ao entoar a frase “algo há de bom no ar”, sendo elas a Amy Beach, a Carolina Maria de Jesus e a Ivone Lara. A frase não foi entoada afinadamente, mas o desenho melódico realizado pelas mãos forneceu às crianças a sensação de subida e descida melódica. Um exemplo disso é que na frase “há de bom no ar”, representada pelo movimento ascendente “Dó – Ré – Mi – Fá – Sol”, as crianças sobem para o agudo além da frequência “Sol”.

4. Considerações finais

Além dos dados que a pesquisa previa, outros resultados foram observados. Cinco crianças, por exemplo, conseguiram, na segunda coleta, cantar a canção no tom de referência. Nem todas permaneceram no tom de referência, tendo a tonalidade alterada na parte final da canção ou saindo da tonalidade e, depois, retornando à original. Isso pode ser reflexo de uma ansiedade para concluir a performance vocal.

Algumas crianças, também na segunda coleta, inventaram um final para a canção, tentando resolver na tônica ao invés de concluir na dominante. Não sabemos exatamente o porquê. Cremos que isso se dá pelo fato de a maioria das canções folclóricas brasileiras e canções de roda terminarem na tônica e das crianças estarem imersas cotidianamente num sistema tonal da música ocidental.

Embora a utilização do manossolfa não tenha ajudado algumas crianças na melhoria de sua afinação, durante a performance da canção “Da Maré”, pudemos observar que o gesto realizado pela mão (movimentos de subidas e descidas na vertical) auxiliou na sensação de movimentação sonora.

Para algumas crianças, notamos que essa utilização comprometeu a performance vocal, pois tinham a atenção dividida entre duas tarefas, a de cantar e de realizar o gestual. Além disso, suspeitamos que o tempo investido na vivência da canção, em parceria com o manossolfa, entre a primeira e segunda coleta de dados, foi

insuficiente para estabelecer a relação musical entre o gestual e a performance vocal. Assim como nas referidas pesquisas mencionadas por Phillips (2014), nas quais a utilização do manossolfa não teve relação com a afinação vocal infantil, consideramos importante que haja mais investigações nesta área.

Finalmente, este trabalho demonstrou que o gestual do manossolfa pode conferir às crianças a sensação de movimentação sonora, ascendente e descendente, durante a performance das canções. Nesse sentido, o manossolfa pode ser uma ferramenta eficaz para que o educador musical possa utilizá-la em processos de musicalização, como foi sugerido por Phillips (2014) e Wieblitz (2010).

Referências:

BARTLE, Jean Ashworth. **Lifeline for Children's Choir Directors**. Toronto: Gordon V. Thompson Music, 1993.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. **Higiene Vocal para o Canto Coral**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

BOECHAT, Bruno; SOBREIRA, Silvia. Ajudando a criança a encontrar sua voz cantada. In: WELCH, Graham; WISE, Karen; BOECHAT, Bruno; SOBREIRA, Silvia. **Se você disser que eu desafio...** Org. Silvia Sobreira. 1ed. Rio de Janeiro: UNIRIO/Instituto Villa-Lobos, 2017.

CRUZ, Gisele. **Canto, Canção, Cantoria: como montar um coral infantil**. 2 ed. São Paulo: SESC, 2003.

DILWORTH, Rollo. **CHOIR BUILDERS: Fundamental Vocal Techniques for Classroom and General Use**. Milwaukee: Hal Leonard, 2006.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Maurice Martenot: educando **com e para** a música. In: **Pedagogias em Educação Musical**. Teresa Mateiro e Beatriz Ilari (Org.). Curitiba: IPBEX, 2011.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. **Para fazer música**. 2 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LECK, Henry; JORDAN, Flossie. **Creating Artistry Through Choral Excellence**. Milwaukee: Hal Leonard, 2009.

LIMA, Ailen Rose Balog de; SANTOS JUNIOR, Paulo Jeovani dos. Em busca da afinação no Coral Infantil como meio de musicalizar no Programa do PIBID de Música no UNASP. In: Educação Musical: formação humana, ética e produção de conhecimento. XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 05 a 09 de outubro de 2015, Natal, **Anais**.

PHILLIPS, Kenneth H. **Teaching Kids to Sing**. 2 ed. Boston: Schirmer, Centage Learning, 2014.

RUNFOLA, Maria; RUTKOWSKI, Joanne. **TIPS: The Child Voice**. rev. Rowman & Littlefield Publisher, 2010. Versão *Kindle*.

SANTOS, Gisele de Rocio Cordeiro Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fatori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. Curitiba: IPBEX, 2007.

SILVA, Walênia Marília. Zóltan Kodály: Alfabetização e habilidades musicais. In: **Pedagogias em Educação Musical**. Org. Teresa Materiro e Beatriz Ilari. Curitiba: Editora Intersaberes, 2011.- (Série Educação Musical)

SOBREIRA, Silvia. Desafinação vocal: compreendendo o fenômeno. **Revista da ABEM**, Londrina, vol. 24, n. 36, jan.jun. 2016, p. 130 – 146.

_____. O Problema da Desafinação na Infância. In. SOBREIRA, Silvia. **Desafinação vocal**. 2ed. Rio de Janeiro: MusiMed, 2003.

WELCH, Graham F. Early Childhood Musical Development. **Research Studies in Music Education**, 11, 2002.

_____. A Developmental View of Children's Singing. **British Journal of Music Education**, vol. 3, Issue 03, nov. 1986, pp. 295 – 303.

WIEBLITZ, Christiane. **Lively children's choir**: joyful, playful, dancing. Incentives and Examples. Trad. Margaret Murray. Germany: Reichert, 2011.